

OUTUBRO 2023

52ª EDIÇÃO

GAZETA DO POVO

REVISTA



A quem interessa o fim da PRF, instituição que mais apreende drogas no mundo

Financiamento, Brics e gasoduto: como Lula tenta apoiar o peronismo

Capital dos arranha-céus, Balneário Camboriú cresce o dobro do Brasil

Índice

Editorial: Julgamentos do 8 de janeiro se transformaram em justiça **03**

Polzonoff: Irmão de Sâmia Bomfim é assassinado e direita tem a chance de mostrar que é direita **11**

Luiz Philippe de Orleans e Bragança: STF versus Legislativo, vento de revolução no ar? **18**

A quem interessa o fim da PRF, instituição que mais apreende drogas no mundo **33**

Financiamento de importações, acesso aos Brics e gasoduto: como Lula tenta apoiar o peronismo **44**

Dias contados? Na verdade, ainda usaremos muito petróleo – e por um bom tempo **60**

Capital dos arranha-céus, Balneário Camboriú cresce o dobro do Brasil. Mas tem desafios **83**



USUÁRIO DE ANDROID: PARA NAVEGAR UTILIZANDO OS

LINKS DE PÁGINA VOCÊ PRECISA DO APP [ACROBAT READER](#)



O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, relator dos processos do 8 de janeiro. | Foto: Carlos Moura/STF

EDITORIAL

Julgamentos do 8 de janeiro se transformaram em justificação

Um pedido de destaque feito pelo ministro André Mendonça tirou do plenário virtual e levou para as sessões presenciais do STF o

juízo de duas réus do 8 de janeiro. Os dois casos são bastante emblemáticos: o da dona de casa mineira Jupira Silvana da Cruz Rodrigues, 57 anos, e o da agente comunitária baiana Nilma Lacerda Alves, 44 anos. Ambas são mães e avós, foram detidas na Praça dos Três Poderes e liberadas em agosto, depois de passarem absurdos sete meses no presídio feminino da Colmeia. Elas já tinham a condenação assegurada a 14 anos no plenário virtual; o julgamento presencial recomeçará do início, mas é quase impossível que o resultado seja diferente, mostrando que a principal corte de Justiça do país abriu mão de fazer justiça para transformar muitos réus do 8 de janeiro em bodes expiatórios de uma suposta “defesa da democracia”.

Os votos do relator Alexandre de Moraes nos dois casos são bastante eloquentes a respeito

desta disposição de ignorar todo e qualquer princípio que garanta os direitos dos réus. Depois de dezenas de páginas copiadas e coladas de outros votos relativos ao 8 de janeiro – especialmente o primeiro, pela condenação de Aécio Lúcio Costa Pereira –, quando chega o momento de se referir especificamente ao que Jupira e Nilma teriam feito, tudo o que o relator consegue oferecer são apenas ilações. Afirma que ambas estavam em Brasília “para participar de atos golpistas visando a extinção do Estado Democrático de Direito”, mas é incapaz de elencar um único elemento concreto que ligue as duas réas a grupos que efetivamente defendiam um golpe de Estado, a não ser sua presença no acampamento diante do QG do Exército. Os testemunhos de policiais e outros membros de forças de segurança citados nos votos mencionam manifestantes de forma

genérica, jamais citando Nilma ou Jupira nominalmente. Para defender a condenação por depredação de patrimônio, Moraes cita objetos apreendidos não com as réis, mas com um terceiro sem nenhuma relação com elas. Não há vídeos ou fotos feitos por elas ou em que elas apareçam – no caso de Jupira, a única evidência era uma garrafa de água com seu DNA, encontrada dentro do Planalto –, nem mesmo afirmações das réis que permitissem concluir que havia alguma intenção golpista de sua parte.



O Ministério Público e a maioria dos ministros do Supremo simplesmente abriram mão de proporcionar aos réus a ampla defesa, a presunção de inocência e outras garantias que caracterizam um sistema de Justiça civilizado

Moraes usa abundantemente as expressões “ficou claro” e “está evidenciado” para se

referir à culpabilidade de Nilma e Jupira. Mas, se há algo claro e evidente aqui, é que Ministério Público e a maioria dos ministros do Supremo simplesmente abriram mão de proporcionar aos réus a ampla defesa, a presunção de inocência e outras garantias que caracterizam um sistema de Justiça civilizado; no caso do 8 de janeiro, tudo isso se tornou mero empecilho, substituído pelo uso indevido da noção de “crime multitudinário”, como se fosse possível atribuir uma única intenção a um grupo tão numeroso, com características tão distintas e cujas atitudes eram bastante diferentes, como os próprios policiais ouvidos e citados nos votos fizeram questão de afirmar. Da forma como este conceito de “crime multitudinário” vem sendo empregada por Moraes, não exageramos ao dizer que seria possível até mesmo condenar um integrante de torcida organizada que se

visse em meio a uma briga de torcidas e apenas estivesse tentando proteger um filho: bastaria estar no lugar errado e nas companhias erradas, com as quais se compartilharia apenas um punhado de convicções difusas (a paixão pelo time, ou o descontentamento com o resultado das eleições), ainda que não uma intenção específica (a de atacar torcedores do time adversário, ou a de dar um golpe de Estado), para ser incluído na “turba” merecedora de condenação.

Sem os elementos concretos, resta aos ministros apenas estabelecer uma associação frágil entre réus e golpistas (que os havia, isso é indubitável), e partir para ilações. Moraes, por exemplo, repele a alegação de que Nilma havia entrado no Planalto apenas para se proteger da confusão do lado de fora, pois ela “porque

podia sair da região do conflito para evitar eventuais consequências do gás que alega ter sido lançado no local”. A afirmação pressupõe que alguém naquela situação teria o tempo e as condições de fazer toda uma análise racional das alternativas à disposição, em vez de buscar imediatamente a primeira opção que lhe parecesse segura.

O 8 de janeiro foi acontecimento de enorme gravidade, e a **Gazeta** fez questão de afirmá-lo já nas primeiras horas após o caos na Praça dos Três Poderes, defendendo a punição dos responsáveis. O que o Supremo tem feito ao analisar casos como os de Jupira e Nilma, no entanto, não é justiça, mas justicamento. Votos extensivamente idênticos, sem a devida individualização das condutas; atribuição de intenções golpistas “no atacado”, sem nenhuma consideração às convicções concretas

de cada um dos réus; e penas desproporcionais, maiores que as aplicadas para muitos crimes gravíssimos, não servem para dar a cada um o que lhe é devido, mas para fazer dos réus “exemplos” de que o Supremo está “defendendo o Estado de Direito”. A democracia, no entanto, não é defendida com a relativização das garantias constitucionais, muito menos para arruinar as vidas de cidadãos cujo único “crime” comprovado foi o de estarem nos prédios invadidos.



[Voltar ao índice](#)



Diego Bomfim: a despeito da militância política da irmã, mais uma vida perdida para o crime. | Foto: Reprodução/ Twitter

OPINIÃO

Polzonoff

Irmão de Sâmia Bomfim é assassinado e direita tem a chance de mostrar que é direita

Quando li a notícia da execução de três médicos no Rio de Janeiro, achei estranho. Mas não

muito. Acostumado que estou com os absurdos cotidianos desta terra, logo tratei de me concentrar no café da manhã ao lado da minha digníssima esposa e da Catota. Para, quem sabe, me esquecer da brevidade da vida e da crueldade que me cerca. Assim, me ocupei do Nobel de Literatura até ficar sabendo que um dos médicos executados era irmão da deputada federal Sâmia Bomfim. Aquela do PSOL. Aquela.

Como era de se prever, não demorou para transformarem o assassinato de um ser humano em motivo de disputa política. Teve esquerdista correndo para tirar uma casquinha da tragédia, dizendo que “o fascismo não prevalecerá no Brasil” – sugerindo que a violência tinha lado e era “de direita”. Por outro lado, teve fariseu direitista reagindo com o tradicional “bem feito” e outras formas menos

sutis de insulto – sempre fazendo referência à histórica bandidolatria dos partidos de esquerda, inclusive o PSOL da deputada enlutada.

Antevendo a enxurrada de chorume, saí das redes sociais e me recolhi à insignificância do meu trabalho. Buscava inspiração para escrever sobre o fenômeno “O Som da Liberdade” ou sobre a influência de “A Morte de Ivan Ilitch” no divórcio do casal Sandy & Lima.

Mas não teve jeito. Porque em mim também o “bem feito” presunçoso, hipócrita e canalha travava uma batalha contra a compaixão, a solidariedade e a Ave Maria rezada pelo médico Diego Ralf Bomfim. Em jogo nessa disputa, a minha alma.

Se fosse o contrário

Todos os dias a política nos dá a oportunidade de exibirmos as nossas incontestáveis virtudes. Porque nos consideramos honestos, ficamos indignados com a corrupção do PT. Porque nos vemos como justos, nos revoltamos com as injustiças do STF. Porque nos orgulhamos de nossa coerência, lamentamos palavras e atos dos nossos adversários ideológicos. E porque nos consideramos vítimas da moral alheia, às vezes nos desesperamos e expressamos esse nosso desalento com perguntas como “até quando?!” e “por que estamos tendo de passar por tudo isso?”.

Com menos frequência, porém, a política também nos dá a oportunidade de nos confrontarmos com o animal irracional e feroz

que nos habita. Esse monstro guiado por paixões e vícios de todos os sabores e tamanhos. É o caso agora, com o assassinato de Diego Ralf Bomfim, irmão da deputada Sâmia Bomfim, conhecida por defender a cartilha do progressismo. Aquela que inclui certa, digamos, leniência revolucionária com a criminalidade e que a direita, em maior ou menor grau, tende a abominar.

É nessas ocasiões, agora e sem demora, que nós, a direita que se define como conservadora, liberal e cristã (sobretudo cristã!), temos a chance de mostrar que somos homens direitos. Derrotados por um Sistema que nos humilha cotidianamente, sim. Mas honrados, íntegros, incorruptíveis e sobretudo virtuosos.

É nessas horas que podemos mostrar que, ao contrário da esquerda, não tripudiamos do infortúnio familiar.

Não somos maquiavélicos a ponto de tirar qualquer proveito político da situação. Não! Preferimos dar a outra face a nos vingarmos dos insultos e dos muitos tapas simbólicos que levamos.

Somos, e se não somos é porque há algo de muito errado com nossa formação cristã, do tipo que se solidariza – nem que seja em silêncio ou rezando uma discreta Ave Maria. Que se compadece. Que pode até sentir vontade de falar “bem feito” e de apontar a hipocrisia – mas se contém. Que se põe no lugar do outro e imagina a dor de perder um irmão. Que toma a realidade pelo que ela é: vivemos num país violento e

caótico, onde a vida de um ser humano, seja ele pobre ou rico, anônimo ou famoso, mendigo ou médico, não vale nada.

Que, mesmo sabendo que, se fosse o contrário, Sâmia Bomfim provavelmente estaria tripudiando e tirando proveito político do crime, no mínimo presta condolências e sinceros pêsames. E que se cala, irmanado no sofrimento.



Autor: Paulo Polzonoff Jr. é jornalista, tradutor e escritor. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.



[Voltar ao índice](#)



Presidente do STF, Luís Roberto Barroso, anunciou que o ativismo judicial nos próximos dois anos irá aumentar mais. | Foto: Tony Winston/Agência Brasília

OPINIÃO

Luiz Philippe de Orleans e Bragança

STF versus Legislativo: vento de revolução no ar?

As interferências do STF têm crescido exponencialmente ao longo de 2023. O

recém-empossado presidente do STF, Luís Roberto Barroso, acaba de anunciar que o ativismo judicial nos próximos dois anos irá aumentar mais. Sadismo? Não. Do ponto de vista da esquerda, uma necessidade. Sem essa intervenção direta do STF, o plano totalitário da esquerda não pode vingar. A explicação é relativamente simples: Como o governo não tem base parlamentar majoritária, e mesmo gastando bilhões para comprar deputados e senadores não obteve resultados conclusivos, o STF irá assumir o legislativo. Se o legislativo deixar, é claro.

Reação Rápida: Frente a essa intervenção declarada, vários parlamentares, antes silenciosos, diante dessa postura do STF, resolveram agora romper o silêncio e fortalecer a oposição. A gota d'água foi o voto do marco temporal no STF, que fragilizou todo o

agronegócio e o sistema financeiro. Junte-se essa decisão às anteriores, favoráveis a liberar o aborto e as drogas, e temos o que a oposição precisava para unir as três maiores bancadas legislativas - do Agro, da Bíblia e da Bala - para tomarem providências contra a ditadura. A triste verdade é que muitos dos deputados que compõem essas bancadas não são fiéis a todas as pautas da direita, e essa divisão facilita que sejam cooptados pelo governo, sob a forma de destinação cargos ou verbas do orçamento público.

Entretanto, essa situação limite parece ter mexido com os brios de muitos deputados, pois o que aconteceu foi uma mudança positiva de comportamento. Está nítido para a maioria: ou o parlamento toma providências para reformar o Judiciário ou essa legislatura será o marco do fim do Poder Legislativo no Brasil. O Congresso

será fechado? Dificilmente, mas se tornará, de fato, um zero à esquerda, como previ em artigos anteriores. A única saída é uma emenda constitucional (PEC) para resolver a questão, e há várias tramitando, tanto na Câmara como no Senado.

Em 2022 e 2023, reformas do judiciário de minha autoria estavam ganhando adesão junto aos colegas parlamentares, até que uma campanha de desinformação e difamação foi montada por movimentos reacionários e atrasados para desestimular que parlamentares a apoiassem. Agora essas propostas voltam à tona, com espírito mais atizado que antes, uma esperança de que o legislativo possa acordar e se salvar. Ainda não há nada na mesa para contra-atacar as interferências semanais do STF, pois o processo legislativo infelizmente não é tão rápido e eficaz, mas já é um começo.



Está nítido para a maioria: ou o parlamento toma providências para reformar o Judiciário ou essa legislatura será o marco do fim do Poder Legislativo no Brasil

O que irá manter essa roda girando contra a ditadura será o apoio popular. Apesar do ainda grande medo dos cidadãos de ir às ruas, as redes sociais permanecem ativas e os cidadãos de bem têm ocupado espaços importantes, como no caso recente da votação para os conselhos tutelares. Todas essas ações são fundamentais para manter o foco de mais de 300 deputados e 40 senadores na reforma do Judiciário. Foco é a palavra de ordem.

Como descrever o momento atual? O momento político no Brasil se assemelha ao da Sitzkrieg

(guerra sentada) de 1939, quando os ingleses declararam guerra ao governo nazista alemão, mas não houve ataques nem confrontos diretos por muitos meses. Esse período de paz marcado pela “tensão sem ação” por um lado foi bom para Alemanha, pois o país continuou sua onda de conquistas no continente europeu sem oposição, mas também foi fundamental para Inglaterra se armar à altura dos embates futuros. Estamos em situação semelhante: a oposição declarou guerra, mas até agora não contra-atacou por não ter munição legislativa para obter efeito.

E a opinião pública, como anda? Essa é uma pergunta subjetiva, varia de acordo com quem responde, mas há referências históricas que me vêm à memória. Se eu tivesse que explicar o que está acontecendo com a opinião pública em

discurso no plenário, falaria algo semelhante às palavras que Alexis de Tocqueville usou na Assembleia Constituinte, em 1848, prevendo o fim da última monarquia francesa, por acaso protagonizada pela renúncia do meu pentavô homônimo, Louis-Philippe d'Orleans. Alguns meses após o discurso de Tocqueville, um grande movimento popular se formou contra o rei francês, que não ofereceu resistência e renunciou.

Ventos de revolução no ar: Alexis de Tocqueville foi um parlamentar conservador, historiador e filósofo francês do século 19, e um dos mais profundos críticos da Revolução Francesa. Tocqueville defendeu a liberdade individual e a igualdade na política como dois conceitos inseparáveis, e mencionou a possível involução da democracia em direção a uma ditadura da

maioria em nome da igualdade. E para garantir que a democracia não se tornasse ditadura de maioria, ele destacou o papel fundamental da descentralização de poderes. Sua obra, “Democracia na América”, é considerada uma das mais importantes para entender a organização da sociedade e do sistema político norte-americano. Se ele tivesse que explicar o sentimento público no Brasil de hoje, certamente repetiria seu discurso de 1848, ajustado para se dirigir ao governo e ao STF:

“Fui informado de que não há perigo porque não há tumultos; Fui informado de que, porque não há desordem visível na superfície da sociedade, não há revolução iminente.

Senhores, permitam-me dizer que acredito que vocês estão enganados. É verdade, não há desordem real; mas ela penetrou profundamente nas mentes das pessoas. Vejam o que está se

preparando entre as classes trabalhadoras, que, concedo, estão atualmente calmas. Sem dúvida, elas não estão perturbadas por paixões políticas, propriamente ditas, na mesma medida que estiveram; mas vocês não conseguem ver que as paixões delas, em vez de políticas, tornaram-se sociais? Vocês não percebem que elas estão gradualmente formando opiniões e ideias destinadas não apenas a derrubar essa ou aquela lei, ministério ou até mesmo forma de governo, mas a própria sociedade, até que ela vacile sobre as bases em que repousa hoje? Vocês não ouvem o que elas dizem a si mesmas todos os dias? Vocês não as ouvem repetindo incessantemente que tudo o que está acima delas é incapaz e indigno de governá-las; [...] E vocês não percebem que quando tais opiniões se enraízam, quando se espalham de maneira quase universal, quando afundam profundamente nas massas, elas

inevitavelmente trarão consigo mais cedo ou mais tarde, não sei quando ou como, uma revolução muito formidável?

Isso, senhores, é minha profunda convicção: acredito que neste momento estamos dormindo sobre um vulcão. Estou profundamente convencido disso.

Eu estava dizendo há pouco que esse mal traria mais cedo ou mais tarde, não sei como ou de onde virá, uma revolução muito séria: estejam certos de que é assim.



Tocqueville defendeu a liberdade individual e a igualdade na política como dois conceitos inseparáveis, e mencionou a possível involução da democracia em direção a uma ditadura da maioria em nome da igualdade

Quando venho investigar o que, em diferentes épocas, em diferentes períodos, entre diferentes povos, foi a causa efetiva que trouxe a queda das classes governantes, percebo este ou aquele evento, homem ou causa accidental ou superficial; mas, acreditem, a verdadeira razão, a razão efetiva que faz com que os homens percam o poder político é que eles se tornaram indignos de retê-lo.

Pensem, senhores, na antiga monarquia (queda de Luiz XVI na revolução francesa de 1789): ela era mais forte do que vocês, mais forte em sua origem; ela podia se apoiar mais do que vocês em costumes antigos, hábitos antigos, crenças antigas; ela era mais forte do que vocês, e, no entanto, ela se tornou pó. E por que ela caiu? Vocês acham que foi por um infortúnio particular? Acham que foi pelo ato de algum homem, pelo déficit, pelo juramento no campo de ténis, Lafayette, Mirabeau? Não, senhores; havia outra razão: a classe que então era

a classe governante havia se tornado, através de sua indiferença, egoísmo e vícios, incapaz e indigna de governar o país.

Essa foi a verdadeira razão. Bem, senhores, se é certo ter esse preconceito patriótico em todos os momentos, quanto mais certo não é tê-lo em nosso próprio tempo? Vocês não sentem, por algum instinto intuitivo que não é capaz de análise, mas que é inegável, que a terra está tremendo novamente na Europa? Vocês não sentem – o que direi? – como que um vento de revolução no ar? Esse vento, ninguém sabe de onde ele surge, de onde sopra, nem, acreditem em mim, a quem ele levará consigo; e é em tempos como esses que vocês permanecem calmos diante da degradação da moral pública – pois a expressão não é muito forte.

Eu falo aqui sem amargura; estou até me dirigindo a vocês sem qualquer espírito partidário; estou atacando homens contra os quais não sinto nenhuma vingança. Mas sou obrigado a comunicar ao meu país minha convicção firme e profunda. Bem, então, minha convicção firme e profunda é esta: que a moral pública está sendo degradada, e que a degradação da moral pública em breve, muito em breve talvez, trará sobre vocês novas revoluções. A vida dos reis é mantida por fios mais fortes? E esses fios são mais difíceis de romper do que os de outros homens? Vocês podem dizer hoje que têm certeza do amanhã? Vocês sabem o que pode acontecer na França daqui a um ano, ou mesmo em um mês ou um dia? Vocês não sabem; mas o que vocês devem saber é que a tempestade está se aproximando no horizonte, que ela está vindo em nossa direção. Vocês vão permitir que ela os pegue de surpresa?

Senhores, eu imploro para que não o façam. Não estou pedindo, estou implorando. Eu me ajoelharia diante de vocês de bom grado, tão forte é minha crença na realidade e na seriedade do perigo, tão convencido estou de que meus avisos não são mera retórica vazia. Sim, o perigo é grande.

Acalmem-no enquanto ainda há tempo; corrijam o mal com remédios eficazes, atacando-o não em seus sintomas, mas nele mesmo.

Mudanças legislativas têm sido discutidas. Estou muito inclinado a pensar que essas mudanças não são apenas muito úteis, mas necessárias; assim, acredito na necessidade de reforma eleitoral, na urgência da reforma parlamentar; mas não sou, senhores, tão louco a ponto de não saber que nenhuma lei pode afetar os destinos das nações. Não, não é o mecanismo das leis que produz grandes eventos, senhores, mas o espírito interior do governo. Mantenham as leis como estão, se

desejarem. Acho que vocês estariam muito errados em fazer isso; mas mantenham-nas. Mantenham também os homens, se isso lhes der prazer. Eu não levanto objeção no que me diz respeito. Mas, pelo amor de Deus, mudem o espírito do governo; pois, repito, esse espírito os conduzirá ao abismo.”



Autor: Luiz Philippe de Orleans e Bragança é deputado federal por São Paulo, descendente da família imperial brasileira, trineto da princesa Isabel, tetraneto de d. Pedro II e pentaneto de d. Pedro I, sendo o único da linhagem a ocupar um cargo político eletivo desde a Proclamação da República, em 1889. Graduado em Administração de Empresas, mestre em Ciências Políticas pela Stanford University (EUA), com

MBA pelo Instituto Européen d'Administration des Affaires (INSEAD), França. Autor dos livros “Por que o Brasil é um país atrasado”, “Antes que apaguem”, “A Libertadora – Uma Nova Constituição para o Brasil” e “Império de Verdades”. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.



Voltar ao índice



Perseguição à PRF é desproporcional às falhas e atende a interesses das principais organizações criminosas do país. | Foto: PRF / Divulgação

Análise

A quem interessa o fim da PRF, instituição que mais apreende drogas no mundo

Por Fernando de Castro, especial para a Gazeta do Povo

A Polícia Rodoviária Federal (PRF) está em um fogo cruzado. Fatos recentes envolvendo

policiais em mortes de civis, como a asfixia de Genivaldo Santos, no Sergipe, e a menina de 3 anos baleada, no Rio de Janeiro, desencadearam uma série de críticas contra a corporação, principalmente de setores de esquerda, já irritados com a PRF pela ação durante as eleições de 2022.

A campanha atingiu seu auge quando o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), manifestou publicamente sua visão sobre a possível extinção da PRF, afirmando que ela “deve ter sua existência reavaliada”.

Mudanças na condução dos trabalhos da corporação foram iniciadas nos primeiros dias do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Em janeiro, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, determinou a extinção dos

cinco Comandos Regionais de Operações Especiais (COEs) – criados durante a gestão de Silvinei Vasques, ex-diretor-geral da PRF na gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Os COEs estavam presentes nas cinco regiões do país e tinham como finalidade ampliar o enfrentamento ao crime em âmbito regional e intervir em emergências que demandassem uma resposta ágil. O Ministério da Justiça e Segurança Pública justificou tal medida alegando a subutilização dos efetivos da PRF em situações de ausência de operações específicas.

Diante desse cenário, especialistas e policiais da corporação apontam que mudanças em abordagens são necessárias, mas a perseguição é desproporcional – e pode contribuir para o fortalecimento de grupos criminosos.

Mas a quem interessa o fim da PRF?

Para o especialista em segurança pública Fabrício Rebelo, a politização da corporação pode ser uma das causas responsáveis pela inserção da PRF na mira de críticos.

Segundo ele, os resultados alcançados pela Polícia Rodoviária Federal foram atrelados ao governo de Bolsonaro, fato que pode ser visto como o principal ponto responsável pela politização da instituição.

“No governo Bolsonaro houve um resultado muito positivo da PRF na repressão ao tráfico de drogas e de armas. Isso acabou sendo associado à gestão governamental anterior. Então, houve uma associação da atuação da polícia ao Executivo anterior, e isso - dentro de um

contexto que nós estamos vivenciando hoje no Brasil – se tornou uma verdadeira perseguição ideológica contra a Polícia Rodoviária Federal”, observou.

De acordo com o Atlas de Combate ao Crime da PRF, mesmo em meio à pandemia, em 2020, a PRF apreendeu um total superior a 736 toneladas de maconha e 31 toneladas de cocaína. Adicionalmente, foram recuperados aproximadamente 11 mil veículos e apreendidos cerca de 115 milhões de maços de cigarros contrabandeados. Nos últimos 20 anos, a PRF efetuou a prisão de 629 mil pessoas e confiscou 28 mil armas de fogo.

Rebelo também analisa as críticas excessivas feitas à Polícia Rodoviária Federal e o recado que isso passa aos barões do crime organizado,

alvos das apreensões recordes de drogas realizadas pela instituição e que certamente possuem interesse no enfraquecimento da atuação da PRF.

“A partir do momento em que há uma demonização das forças policiais, acaba se passando um recado de que a atuação dela, de modo geral, não está sendo bem-vista. E isso sempre acontece na área de segurança pública. Quando temos a sinalização pública de que a preocupação com quem combate está sendo maior do que quem efetivamente pratica o crime, acaba se passando uma sinalização aos criminosos de que suas atividades são toleradas. Com isso, a tendência é termos um aumento na ousadia dos criminosos, no enfrentamento até mesmo dessas corporações que estão sendo criticadas, e conseqüentemente, os efeitos nos

indicadores de segurança terminam sendo muito piores”.

Corporação incomoda as principais organizações criminosas do país

No combate ao tráfico de drogas, a Polícia Rodoviária Federal incomoda as maiores organizações criminosas do Brasil. Entre elas, destacam-se o Primeiro Comando da Capital (PCC), o Comando Vermelho (CV) e a sinistra parceria entre o PCC e a 'Ndrangheta, uma poderosa máfia italiana.

As estradas do Brasil, inicialmente concebidas como rotas de conexão nacional, transformaram-se em corredores clandestinos para o escoamento de drogas. As organizações criminosas encontraram nesses extensos

trechos uma forma eficiente de transportar grandes quantidades de entorpecentes de um ponto a outro do país.

A intervenção proativa da PRF, no entanto, é um desafio significativo para essas organizações criminosas. As apreensões recordes conduzidas pela corporação sinalizam não apenas um golpe concreto contra o tráfico de drogas, mas também causam prejuízos bilionários às finanças dessas facções.

Além disso, alguns dos chefes do PCC estão na mira da PRF. No ano passado, a instituição prendeu líderes da facção criminosa em Pernambuco e no estado de São Paulo.

Em janeiro de 2022, o responsável pela atuação internacional do PCC foi preso durante uma

abordagem no município de Itapeceira da Serra, no interior de São Paulo.

Já em abril, o traficante conhecido como “Colorido” foi preso na BR-116, em Salgueiro, no sertão pernambucano. Considerado o número 2 da facção, ele estava foragido desde 2014 e atuava no fornecimento de drogas do PCC para a Região Sudeste.

“Defund The Police”

A ideia de extinguir a PRF no Brasil guarda semelhanças com a iniciativa “Defund The Police” (*Desfinancie a Polícia*, em português), que ganhou notoriedade nos Estados Unidos. Grupos de esquerda, como o movimento Black Lives Matter (BLM) e a organização “Black Youth Project 100” (BYP 100), figuram entre os

principais defensores da redução do financiamento policial.

Essa iniciativa ganhou ainda mais adesão após a morte de George Floyd, ocorrida em 2020, durante uma abordagem policial em que um oficial pressionou o joelho no pescoço dele por quase nove minutos em Minneapolis.

Chicago foi uma das cidades que aderiu à redução do financiamento da polícia. Em 2020, a prefeita Lori Lightfoot solicitou uma diminuição de US\$ 80 milhões no orçamento destinado à polícia. As consequências negativas da iniciativa não demoraram a aparecer: em 2021, Chicago sofreu com o maior número de homicídios dos últimos 25 anos, com 836 vítimas, segundo dados do Departamento de Medicina Legal do Condado de Cook. O

Departamento de Polícia registrou uma queda de 39% no número de prisões por crimes violentos em 2021 em comparação com 2019.

Uma pesquisa revisada por pares e publicada este ano no Journal of Community Safety and Well-Being indicou que várias cidades norte-americanas recuaram em suas iniciativas de redução do financiamento das polícias locais.

O aumento nos índices de homicídios e a redução da sensação de segurança entre a população foram alguns dos motivos apontados pelas autoridades de Chicago, Nova York e Los Angeles para reverter a tendência e aumentar o orçamento destinado à polícia.



[Voltar ao índice](#)



Os presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e da Argentina, Alberto Fernández. | Foto: Matías Martín Campaya/EFE

Eleições na Argentina

Financiamento de importações, acesso aos Brics e gasoduto: como Lula tenta apoiar o peronismo

Por Caroline Souza

A suspeita de que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tenha agido para liberar um empréstimo para a Argentina em um banco de

desenvolvimento internacional é só o mais recente indício de que o governo brasileiro tenta influenciar as eleições no país vizinho. O governo Lula vem fazendo investidas sucessivas para ajudar a esquerda argentina, como aproximar o país dos Brics (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), financiar importações e tentar construir um gasoduto.

Segundo analistas, tudo isso para tentar impedir a vitória do libertário Javier Milei, candidato de direita e favorito para ganhar as eleições de 22 de outubro na Argentina. Embora não haja provas das intenções de Lula, muitas de suas ações teriam potencial para ajudar o presidente peronista Alberto Fernández e seu candidato Sérgio Massa, que tenta vencer Milei.

A ação mais recente foi apontada pelo jornal Estado de S.Paulo nesta semana. Lula teria pressionado a ministra do Planejamento, Simone Tebet, a aprovar um empréstimo à Argentina através do Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF). Com o dinheiro recebido do banco, o país pagou parte da dívida que tem com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Tebet negou e o governo brasileiro disse que o empréstimo do CAF à Argentina foi para ajudar o país, que está com escassez de reservas financeiras. Mas o deputado federal Gustavo Gayer (PL-GO) protocolou nesta quarta-feira (4) um pedido de investigação no Ministério Público Federal para que seja apurada suspeita

de que Lula tenha utilizado dinheiro público brasileiro para financiamento indireto da campanha eleitoral argentina.

Só as investigações vão definir se Lula agiu de caso pensado ou não. Mas o candidato esquerdista Massa usou a notícia do empréstimo em sua campanha eleitoral. Ele afirmou, na época da transação em julho deste ano, que a dívida com o FMI seria paga “sem usar um único dólar”.

Na prática, o CAF repassou US\$ 1 bilhão para o FMI e assim quitou parte da dívida argentina com o fundo. Isso possibilitou que o FMI emprestasse mais US\$ 7,5 bilhões ao governo argentino, que está em uma grave crise econômica.

“Entendo que, por mais que existam alegações de que não houve ingerência política no processo, o fato é que Alberto Fernández e Lula, nestes últimos meses, cercaram-se de visitas e reuniões nas quais, claramente, havia um componente de companheirismo”, disse o doutor em filosofia pela PUCRS e mestre em Relações Internacionais pela UFRGS Cezar Roedel.

Lula tentou incluir Argentina no Banco dos Brics

Quando Lula assumiu seu terceiro mandato presidencial neste ano, a Argentina foi o primeiro destino internacional do petista. Logo após as primeiras conversas presidenciais com Fernández, Lula anunciou que tentaria dar ao país acesso a recursos do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB – que também é

chamado de Banco dos Brics). Mas nem mesmo com a ex-presidente Dilma Rousseff à frente da instituição financeira, Lula conseguiu fazer com que o país tivesse acesso aos recursos do NDB.

O petista ainda tentou intermediar uma possível mudança no estatuto da organização para que o crédito à Argentina tivesse o destino que Fernández "bem entendesse". Isso porque a legislação do NDB prevê que o valor seja destinado a obras de infraestrutura no em países-membros, o que não é o caso da Argentina.

Sem acesso ao NDB, Lula não desistiu da tentativa de ajudar o país de Fernández. Em agosto, quando os Brics anunciaram a expansão do bloco, o nome indicado por Lula para entrar

no grupo foi o do vizinho sul-americano. Além da Argentina, outras cinco nações foram convidadas para aderir ao grupo no próximo ano. O processo está em andamento.

Itamaraty tentou financiar gasoduto argentino pelo BNDES

Em recentes negociações entre as chancelarias do Brasil e da Argentina, os países discutiram a possibilidade de o Brasil financiar, através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), as obras de conclusão do Gasoduto Néstor Kirchner. A instalação está localizada na região de Vaca Muerta, uma formação geológica localizada no norte da Patagônia, na Argentina, e promete ligar a reserva de gás natural ao Brasil em dois anos.

Essa possibilidade, contudo, não é muito bem-vista por economistas devido ao passado de calotes que o Brasil sofreu através do mesmo método para ajudar outros países, além escândalos de corrupção envolvendo construtoras brasileiras. A Argentina também tem um histórico de calotes internacionais.

Já especialistas em energia dizem que a construção do gasoduto tem alto valor estratégico, pois o principal gasoduto internacional do Brasil hoje vai parar de operar em breve. Isso porque as reservas da Bolívia estão escasseando.

O Brasil já fez financiamentos similares para a Venezuela durante os primeiros mandatos de Lula e de Dilma Rousseff.

À época, o Brasil financiou, através de empréstimos com o BNDES, algumas obras de infraestrutura em solo venezuelano, como a linha 5 do metrô de Caracas; linha 2 do metrô de Los Teques e Siderúrgica Nacional. Em tese, as obras são realizadas por empresas brasileiras e o dinheiro é emprestado por meio delas. O país que contrata a construção, no entanto, fica responsável por devolver o valor emprestado.

Em caso de inadimplência, o BNDES aciona o Fundo de Garantia à Exportação (FGE) para receber o valor devido pelo país estrangeiro. A União assume a dívida e o Brasil é quem deve passar a cobrar o país devedor. Atualmente a dívida da Venezuela com o Brasil chega a quase

US\$ 3 bilhões e não há perspectiva de quando o país vai quitá-la.

Lula e Haddad disponibilizaram dinheiro para Argentina comprar comida e autopeças

Durante uma visita de Massa à Brasília, o candidato à presidência e ministro argentino fechou um acordo milionário com Lula e o ministro da Fazenda do Brasil, Fernando Haddad.

Haddad anunciou que financiaria US\$ 600 milhões à Argentina através de exportações brasileiras. A operação vai contar com uma cooperação do Programa de Financiamento às Exportações (Proex), do Banco do Brasil, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

e Social (BNDES) e o Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF).

Na prática, os exportadores brasileiros de alimentos e autopeças vão vender para a Argentina, mas serão pagos pelo Banco do Brasil e esse, por sua vez, será segurado pelo CAF. Ou seja, com a manobra o Brasil passa a ser o credor da dívida, preservando as empresas brasileiras. Mas a promessa também melhora a imagem do candidato da esquerda no ano da eleição argentina.

Foro de São Paulo tenta dar fôlego ao peronismo na Argentina

Os problemas econômicos da Argentina não são recentes, mas se tornaram ainda mais

profundos durante o mandato de Fernández. Com as reservas em dólar extremamente baixas, o país tem enfrentado problemas para pagar dívidas externas e conseguir financiamentos de organismos internacionais.

Além da amizade entre Lula e Fernández, a co-dependência econômica Brasil-Argentina é uma das justificativas de Lula para tentar ajudar o país vizinho. Em declarações, o brasileiro chegou a dizer que pretendia "fazer de tudo" para apoiar a Argentina. Mas analistas dizem que esses esforços também têm o intuito de criar uma boa imagem para Massa durante sua campanha eleitoral.

“O jogo do Foro de São Paulo sempre foi indireto e muitas vezes sutil. Desde o episódio

do Banco do Brics a coisa já estava escancarada: dar fôlego ao companheiro Fernández e à campanha de Massa", disse Roedel.

O Foro de São Paulo foi fundado pelo ditador cubano Fidel Castro (1926-2016) em parceria com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva na década de 1990, logo após o colapso da União Soviética. O objetivo oficial da organização é integrar povos da América Latina e do Caribe, mas na prática funciona como uma confraria de governantes, políticos e organizações ativistas em nome de um projeto político de esquerda para o subcontinente.

Influência do Brasil sobre o empréstimo do CAF deve ser investigada

As investigações sobre o alegado lobby de Lula para viabilizar o empréstimo do CAF à Argentina ainda nem começaram, mas já dividem analistas. Isso porque a ação foi viabilizada por 19 votos contra dois e o Brasil só tinha direito a um voto. A reportagem do jornal Estado de S.Paulo diz que Lula teria exercido influência sobre outros países.

"Creio que a tentativa supere o Lula como ator isolado. Ela potencialmente envolve mais parceiros do Foro de São Paulo, que são os maiores acionistas do banco", avalia Roedel.

Já Rogério Pereira de Campos, doutor em Ciências Sociais e pesquisador da Fundação

Araporã, defende que a influência do Brasil sobre o CAF é “pequena”.

“Politicamente falando, a influência do Brasil ali dentro é muito pequena. Quem tem maior peso ali são os países andinos: Colômbia, Peru e Equador, por exemplo. Esses países, inclusive, têm voto com peso dois e o Brasil com peso um”, afirmou

Mas Campos disse que declarações do presidente Lula apoiando o governo peronista podem causar um grande mal-estar entre os dois países e, por isso, elas devem ser evitadas a todo custo. “Ele não pode fazer declarações de apoio abertamente, porque isso interfere diretamente, sobretudo nesse período da reta final das eleições na Argentina. Isso pode causar

um mal-estar enorme com a vitória de Milei”, explica.

“É necessário monitorar como essas ações influenciam o comportamento dos eleitores argentinos. Segmentos do peronismo manifestam certo apreço por Lula, mas Javier Milei pode capitalizar notícias como essa para mobilizar ainda mais a parcela do eleitorado insatisfeita com a crise econômica e com a atual casta política peronista”, afirmou o analista político da BMJ Consultores Associados, Nicholas Borges.



[Voltar ao índice](#)



Técnica de operação da Petrobras no navio-plataforma P-71, no pré-sal da Bacia de Santos: Brasil e mundo vão consumir petróleo por um bom tempo. | Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil

Energia

Dias contados? Na verdade, ainda usaremos muito petróleo – e por um bom tempo

Por Raphaela Ribas

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse recentemente que o petróleo "está com os dias

contados". Ele fazia referência ao processo de transição energética, com a troca de fontes fósseis por outras tidas como limpas e renováveis.

Uma tendência que alcança até mesmo petroleiras, como a estatal Petrobras. Só em setembro a empresa anunciou duas parcerias com o setor privado nessa seara: uma para fornecer combustível de baixo carbono à Vale e outra para desenvolver megaturbinas eólicas com a Weg.

Segundo o presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, nos próximos quatro anos a companhia vai destinar de 6% a 15% de seus investimentos para projetos de baixo carbono.

Mas, em meio a esses e outros incontáveis anúncios semelhantes no Brasil e no exterior, fica a questão: o petróleo está mesmo com os dias contados?

Apesar do avanço de fontes alternativas, ao que tudo indica ainda usaremos muito petróleo, gás natural e derivados. E por um bom tempo.

Consumo de petróleo nunca foi tão alto

A demanda global pelo óleo, vale dizer, nunca foi tão alta. Em agosto, a Agência Internacional de Energia (AIE) revelou que o consumo diário atingiu a marca inédita de 103 milhões de barris por dia em junho. A organização estima que a média de 2023 será de 102,2 milhões de barris diários, o maior consumo anual de todos os tempos.

Para se ter ideia, esse volume equivale a 29 vezes a produção brasileira, que nunca foi tão alta – em julho, o país atingiu o recorde de 3,5 milhões de barris por dia.

A Empresa de Pesquisa Energética (EPE), do governo federal, projeta que a produção nacional continuará subindo até chegar a um pico de 5,4 milhões de barris em 2029.

Para o mundo todo, a previsão da Opep – o cartel dos grandes exportadores – é de que ao fim desta década o mundo estará demandando cerca de 110 milhões de barris por dia, cerca de 8% mais que hoje.

Para a AIE, porém, a demanda vai crescer em ritmo cada vez mais fraco nos próximos anos e

deve chegar ao nível máximo antes do fim da década, para em seguida passar a cair.

Em relatório publicado há três meses, a petroleira BP traçou três cenários de demanda, conforme a velocidade da transição para fontes renováveis. No mais conservador, a demanda permanece estável em torno de 100 milhões de barris diários até 2030 e cai abaixo de 90 milhões por volta de 2040. E, em 2050, ainda estará pouco acima de 70 milhões de barris.

No cenário mais ousado, de transição mais veloz, o consumo diário de petróleo cai para menos de 90 milhões de barris pouco antes de 2030, e a cerca de 50 milhões em 2040 e 20 milhões em 2050.

"A demanda de petróleo diminuirá, impulsionada pela queda no uso em transporte rodoviário à medida que a eficiência da frota de veículos melhora e a eletrificação se acelera. Mesmo assim, o petróleo continuará a desempenhar um papel importante no sistema energético mundial nos próximos 15 a 20 anos", diz a BP no "Energy Outlook 2023".

Projeções para o "pico do petróleo" fracassaram

Há um bocado de incerteza nessas projeções – quanto maior o horizonte, maior a chance de erro. Mas vale destacar que alguns dos maiores equívocos nesse ramo estiveram relacionados às projeções para o chamado "pico do petróleo", momento em que a produção global atingiria seu maior nível para depois declinar. O

suposto alcance desse marco foi sucessivamente adiado desde o século passado.

Para ficar num exemplo não muito distante, em 2004 – pouco menos de 20 anos atrás – a Associação para o Estudo do Pico do Petróleo e Gás (Aspo, na sigla em inglês) estimava que esse topo seria atingido em 2005, com 64 milhões de barris por dia. Pelas contas da organização, em 2020 a produção global já teria caído para 43 milhões de barris diários, com o esgotamento das reservas.

Adotando metodologia menos restritiva e considerando uma maior proporção de petróleo recuperável nas reservas, a Administração de Informações de Energia do governo norte-americano (EIA, na sigla em inglês) foi mais certa em projeção feita em 2003: seus

principais cenários jogavam o pico do petróleo para 2030 ou depois.

Em seus cálculos, a Aspo adotou a metodologia do geólogo norte-americano Marion King Hubbert, que trabalhou na Shell. Em meados dos anos 1950, ele ficou célebre ao afirmar que o pico da produção petrolífera nos EUA seria atingido entre o fim dos anos 1960 e início dos 1970. Ele acertou – e esteve certo por muito tempo.

No ano de 1970 os EUA atingiram a marca histórica de 10 milhões de barris diários, que na sequência caiu até perto de 5 milhões de barris em 2008. Porém, Hubbert não contava com a revolução do óleo de xisto, que gerou um novo boom na última década e meia.

No último mês de julho, os EUA produziram 12,991 milhões de barris de petróleo por dia, segundo a EIA – apenas 9 mil barris a menos que o recorde de 13 milhões alcançado em novembro de 2019, antes da pandemia.

Petrobras não vai virar "empresa de catavento", diz Prates

O presidente da Petrobras afirma que, a despeito de todas as outras matrizes em que a empresa está apostando, o petróleo vai conviver com a transição energética por muito tempo. Segundo ele, não existe a hipótese de a companhia se tornar uma "empresa de catavento".

"Somos uma empresa de petróleo. Temos muito orgulho de ser uma empresa de petróleo. A

humanidade precisa e ainda vai precisar de muito petróleo", disse Prates na quinta-feira (28) em seminário sobre Matriz e Segurança Energética Brasileira realizado por FGV Energia e AmCham Rio, na capital fluminense.

Diante da plateia, continuou: "Queremos ser daqueles grupos que serão os últimos a produzir petróleo. Enquanto não houver um decreto, e isso não vai acontecer nunca, que acabou o uso do petróleo no mundo, nós queremos priorizar e produzir, porque é isso o que sabemos fazer de melhor. E isso é bom para a humanidade porque nós produzimos melhor do que os outros".

Não por acaso, a Petrobras briga com o Ibama para obter licença ambiental para perfurar poço na Margem Equatorial, nova fronteira que é considerada um tesouro para o setor. As

reservas estimadas, de 10 bilhões de barris de petróleo "recuperáveis", equivale a quase todo o pré-sal, que ao fim de 2022 tinha reservas provadas de 11,5 bilhões de barris.

Prates citou outro exemplo do protagonismo do combustível fóssil nos próximos anos: de R\$ 540,3 bilhões em investimentos em energia cadastrados pelo governo no Novo PAC, R\$ 335,1 bilhões – quase dois terços do total – são para petróleo e gás.

Troca do petróleo será lenta: ele é barato, eficiente e insumo para inúmeros produtos

Especialistas ouvidos pela **Gazeta do Povo** sustentam que pelos próximos 100 anos haverá petróleo e demanda por ele, mesmo com a

transição energética. A substituição, dizem, é lenta, por pelo menos três fatores:

- são muitos os produtos derivados do petróleo;
- ele é mais barato do que as novas fontes que estão em desenvolvimento;
- ele é confiável e o tempo comprovou sua eficiência, apesar dos efeitos colaterais sobre o meio ambiente.

“É só olhar para o que está vestindo, as roupas, o shampoo, o brinco. Até no anel de ouro, pois a chama de acetileno que o ourives usou para moldar vem do petróleo”, instiga Pedro Victor Zalán, fundador da Zag Consultoria.

Substituir o petróleo pode ser complexo mesmo para quem declara interesse e despende tempo e

dinheiro nisso. A fabricante de brinquedos Lego, por exemplo, avisou dias atrás que abandonou seu esforço mais importante para eliminar plásticos à base de petróleo de seus famosos bloquinhos.

Há dois anos, a empresa havia anunciado testes com um protótipo de plástico reciclado de garrafas. Mas constatou que, por causa da exigência de novos equipamentos para a fabricação, as emissões de carbono ao longo de toda a vida útil do produto seriam maiores que as do bloco convencional.

"Nos primeiros dias, a crença era de que era mais fácil encontrar esse material mágico ou esse novo material (...) Mas isso parece não existir. Testamos centenas e centenas de materiais. Simplesmente não foi possível

encontrar um material como esse", declarou o CEO do grupo, Niels Christiansen, ao "Financial Times".

No último dia 20, o primeiro-ministro do Reino Unido, Rishi Sunak, comunicou que a data de proibição das vendas de veículos novos a gasolina e diesel foi adiada de 2030 para 2035. Motivo: boa parte da população não conseguiria custear a transição energética, por causa do custo do substituto, o carro elétrico.

"Parece que optamos por uma abordagem que imporia custos inaceitáveis às famílias britânicas em dificuldades", admitiu. Segundo ele, o país seguirá um caminho "pragmático, proporcional e realista" para zerar emissões líquidas até 2050.

"O mundo real precisa de petróleo todos os dias", diz geólogo

Geólogo e com 45 anos de experiência na área, Zalán sublinha que, para além do uso de derivados no transporte e na petroquímica, também será desafiador substituir o petróleo como fonte de energia. As fontes eólica e solar são mais caras e intermitentes – dependem de vento e sol para gerar energia.

“O petróleo não tem horizonte para acabar porque o mundo real precisa de petróleo todos os dias. As reservas [atuais] dão tranquilamente para 100 anos com a demanda existente”, diz Zalán, ex-consultor sênior na Petrobras.

Outro ponto que contribui para a vida longa do petróleo é que, além de ser mais barato que

outras fontes que estão sendo desenvolvidas agora e requerem investimentos e tecnologias mais robustas, o combustível fóssil é mais acessível para países que muitas vezes não têm nem energia para toda a população.

Haitham Al Ghais, secretário-geral da Opep, afirmou em artigo publicado em 22 de setembro que o aumento da demanda esperado para os próximos anos será puxado, em parte, pelo crescimento da população global.

"Segundo a ONU [Organização das Nações Unidas], mais de 700 milhões de pessoas ainda não têm acesso à eletricidade e quase um terço da população mundial utiliza sistemas ineficientes e poluentes na cozinha. O petróleo pode e irá desempenhar um papel fundamental nos países em desenvolvimento para

proporcionar acesso universal adequado e acessível à energia e erradicar a pobreza energética", apontou.

Em contrapartida, diz o executivo, o setor investe em tecnologias mais limpas, descarbonização da indústria petrolífera, bem como em fontes renováveis e hidrogênio.

Helder Queiroz, professor do Grupo de Economia da Energia da UFRJ e ex-diretor da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), levanta outra questão nessa mesma linha social: a viabilidade prática de trocar determinados produtos oriundos do petróleo por outras fontes.

Ele cita o exemplo do GLP, o gás de cozinha.

"Imagine um país inteiro para trocar um fogão

a gás por um elétrico, por exemplo. A demanda para essa troca precisa de recursos, tanto da disponibilidade de fogões para vender no Brasil quanto algum incentivo para o consumidor. E não temos política estruturada para isso", diz. "Então, em quanto tempo mudariam-se as cozinhas no Brasil? Isso envolve décadas", completa.

Indústria do petróleo deve passar por transformação

Por mais que aos poucos possa perder espaço na geração de energia e nos combustíveis, o petróleo continuará essencial para outros setores. Na prática, a própria indústria petrolífera passará por uma transformação conforme o consumo muda.

Marcio Félix, CEO da empresa Energy Platform (EnP) e presidente da Associação Brasileira dos Produtores Independentes de Petróleo e Gás (ABPIP), esclarece que não se trata apenas de combustível ou eletrificação, mas de comportamento.

O fato de mais pessoas trabalharem em casa e usarem menos seus carros sintetiza a situação. À medida que o petróleo tem seu uso reduzido na indústria e nos transportes, diz, passará a ser direcionado para funções mais refinadas, tais como fertilizantes e farmacêuticos.

“O petróleo, na minha opinião, atravessa esse século ainda sendo importante por questões ambientais e econômicas. Ele vai ter vida enquanto tiver valor econômico. Estamos sempre em transição energética. O desafio é ter

garantia energética, preço adequado e ter dimensão da sustentabilidade", afirma.

“Quando eu entrei [na área], há 42 anos, se falava que em 20 anos, no máximo, se chegaria no pico da oferta do petróleo, e que o mundo ficaria um caos porque não teria para abastecer. Não aconteceu. Agora, se fala do pico da demanda nessa década. Mas vemos o consumo subindo bastante. Como em 2030 vai cair?”, questiona Félix.

Segundo a AIE, a indústria petroquímica deverá ser responsável por mais de um terço do crescimento da procura mundial de petróleo até 2030, e por quase metade do crescimento até 2050.

A China é um exemplo dessa transformação. O país aposta firme na eletrificação dos veículos: em agosto, segundo o HSBC Global Research, os elétricos responderam por 37% das vendas de carros novos no país em agosto.

Com isso, há quem espere que o consumo de petróleo na China atinja seu pico já neste ano, após triplicar nas últimas duas décadas. Assim, o mercado local de óleo passa a ser mais guiado pela indústria petroquímica.

A entrada de investimento estrangeiro em petroquímica na China desde o início de 2022 passou dos US\$ 5 bilhões, de acordo com dados da plataforma financeira Dealogic citados em reportagem do "Financial Times".

As perspectivas para a produção de petróleo no Brasil

O Brasil hoje vive seu recorde na produção do petróleo. Em julho, segundo o dado mais recente da ANP, o país produziu 3,5 milhões de barris por dia.

As projeções oficiais indicam que o número continuará crescendo até chegar ao pico de 5,4 milhões de barris diários em 2029, recuando na sequência – em seu último plano decenal, a EPE prevê uma produção de 4,9 milhões de barris em 2032.

"Esse pico poderia continuar e atingir um platô, dependendo do que se encontrar na Margem Equatorial', argumenta Zalán.

Segundo o dado mais recente da ANP, de 2022, o Brasil tem reservas provadas de 14,85 bilhões de barris, dos quais 11,5 bilhões no pré-sal.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Petróleo (IBP), o setor representa 10% do PIB industrial brasileiro e deve investir US\$ 180 bilhões em exploração e produção no país até 2031.



[Voltar ao índice](#)



Vista de Balneário Camboriú: cidade tem oito dos dez prédios mais altos do país. | Foto: Hildo Jr./Divulgação/FG Empreendimentos

Mercado Imobiliário

Capital dos arranha-céus, Balneário Camboriú cresce o dobro do Brasil. Mas tem desafios

Por Vandré Kramer

Oito dos dez maiores prédios do Brasil estão em Balneário Camboriú (veja lista ao fim desta

reportagem), cidade de 140 mil habitantes “espremida” entre a BR-101 e o Oceano Atlântico, no Litoral Norte de Santa Catarina. Segundo menor município do estado em extensão, tem o metro quadrado mais caro e um dos mercados imobiliários mais dinâmicos do país. E desde o início do século cresce mais que o dobro do PIB nacional.

Dados da FipeZap+ relativos a agosto mostram que, em 12 meses, o preço médio dos imóveis residenciais aumentou 19,53% na cidade. É a segunda maior alta no país, atrás apenas da registrada na vizinha Itapema (+20,86%).

A valorização é impulsionada por imóveis de alto padrão e tem atraído o interesse de investidores famosos, como os jogadores de futebol Cristiano Ronaldo e Neymar; Falcão,

craque do futsal; o treinador Abel Braga e Maurício Shogun, ex-lutador de UFC.

Os dois prédios mais altos são o One Tower, com 89 andares e 290 metros de altura, e as torres gêmeas do Yachthouse, com 81 pavimentos e 281 metros. Este último projeto é assinado por um dos principais escritórios de design do mundo, o italiano Pininfarina. Conta com heliponto particular e acesso direto à marina.

O One Tower, em Balneário Camboriú, é o prédio mais alto do Brasil: são 89 andares e 290 metros de altura. | Hildo Jr./Divulgação/FG Empreendimentos

O preço médio do metro quadrado em Balneário Camboriú é de R\$ 12,4 mil, o mais alto do país e 18% superior ao de São Paulo. Na avenida

Atlântica, que fica à beira-mar, o metro quadrado pode chegar a R\$ 32,5 mil em imóveis de alto padrão. Na avenida Brasil, uma quadra atrás da praia e que concentra parte do comércio local, o preço chega a R\$ 17 mil.

Não há mais terrenos disponíveis à beira-mar. A última casa de madeira de frente para o Atlântico, localizada em um terreno de 286 metros quadrados, está prestes a ser demolida. Segundo consulta feita pelo portal BBC Brasil a um corretor local, o terreno e o imóvel podem ter custado entre R\$ 15 milhões e R\$ 18 milhões. Vai dar lugar a um prédio de 12 andares.

A FG Empreendimentos, uma das principais construtoras de arranha-céus e responsável pelo One Tower, tem planos ambiciosos para a cidade. Ela trabalha com quatro lançamentos

para o próximo ano, com um valor geral de vendas de R\$ 2,6 bilhões. Também está desenvolvendo o maior residencial do mundo, cujo projeto está em tramitação na prefeitura local.

“A cidade possui características que não atraem apenas investidores do país, mas também despertam o interesse no exterior. Com a localização estratégica, o perfil dos moradores vem se transformando, criando um novo eixo de negócios no país. De uma cidade que pulsava na temporada para uma localidade que tem atraído cada vez mais moradores em busca de qualidade de vida e segurança”, diz Jean Graciola, presidente da FG Empreendimentos.

Neste século, PIB de Balneário Camboriú cresce mais que o dobro do brasileiro

O mercado imobiliário e a construção civil são duas das alavancas do crescimento dessa cidade catarinense. O PIB da cidade cresceu a uma média de 4,7% ao ano entre 2002 e 2020, último dado disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No mesmo período, a economia brasileira cresceu 2% ao ano.

Segundo Bruno Cassola, corretor de imóveis de alto luxo e perito imobiliário, Balneário Camboriú se tornou uma cidade fora da curva. “Investimentos públicos e privados realizados nas últimas décadas colocaram o município em um patamar elevado de desenvolvimento”, diz.

Ranking divulgado em agosto pelo Centro de Liderança Pública (CLP) coloca Balneário Camboriú como o 13.º município mais competitivo do país entre os 410 que têm mais de 80 mil habitantes.

Os pontos fortes são qualidade da saúde (2.º lugar), saneamento (3.º), infraestrutura de telecomunicações (5.º), sustentabilidade fiscal (6.º lugar) e inserção econômica e funcionamento da máquina pública (15.º).

Os desafios de Balneário Camboriú

A capital brasileira dos arranha-céus também tem desafios pela frente. O forte adensamento populacional é motivo de preocupação para Rosana Silva dos Reis, professora de arquitetura e urbanismo da UniSociesc. A densidade

demográfica em 2022 era de 3.078 habitantes por quilômetro quadrado, pouco menos da metade do índice de Hong Kong.

“É preciso pensar em estratégias para dinamizar o transporte coletivo”, diz a professora. A cidade sofre com congestionamentos constantes durante o verão.

Outro alerta que ela faz é em relação a um processo de gentrificação, no qual áreas urbanas de baixa renda passam por revitalização e valorização, muitas vezes expulsando os residentes de baixa renda e substituindo-os por pessoas mais ricas, o que pode levar à transformação da identidade e cultura da comunidade.

A pesquisa do CLP aponta que, na esfera econômica, a cidade enfrenta problemas em relação ao capital humano e à inovação e dinamismo econômico.

O nível de qualificação dos trabalhadores de Balneário Camboriú é apenas o 264.^o da lista de 410 cidades brasileiras com mais de 80 mil habitantes. Nesse quesito, a cidade perdeu 19 posições em relação ao relatório do ano passado.

O PIB per capita era de R\$ 42,6 mil em 2020, o que colocava a cidade na 884.^a posição entre todos os municípios brasileiros, de acordo com dados do IBGE. Em termos de crescimento, tinha a 261.^a posição entre as cidades pesquisadas pela CLP.

Conforme o mesmo levantamento, o acesso à saúde (168.º lugar) e a qualidade na educação (241.º) são dois aspectos desafiadores para a cidade no âmbito social. A cobertura da atenção primária perdeu 30 posições no levantamento divulgado em agosto, passando para a 206.^a posição. E a vacinação caiu para a 265.^a, uma queda de 158 lugares

O pior desempenho no pilar educacional está na nota do Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (Ideb) do ensino médio. A cidade é apenas a 331.^a posição entre as 410 com mais de 80 mil habitantes no que diz respeito à taxa de rendimento escolar e ao desempenho dos estudantes em avaliações de língua portuguesa e matemática.

Os prédios mais altos do Brasil

Prédio	Altura
1° One Tower (Balneário Camboriú-SC)	290 metros
2° Yachthouse (Balneário Camboriú-SC)	281 metros
3° Boreal Tower (Balneário Camboriú-SC)	240 metros
4° Titanium Tower - (Balneário Camboriú-SC)	238 metros
5° Infinity Coast - (Balneário Camboriú-SC)	234 metros
6° Empire - (Itapema-SC)	234 metros
7° Vitra (Balneário Camboriú-SC)	226 metros
8° Alto das Nações (São Paulo-SP)	219 metros
9° Sapphire Tower (Balneário Camboriú-SC)	215 metros
10° Dubai Business - (Balneário Camboriú-SC)	210 metros



[Voltar ao índice](#)

PARA SE APROFUNDAR

- [De olho no Nobel? Prioridades internacionais de Lula sugerem foco na premiação](#)
- [“A renovação da direita fez bem à democracia”, diz Zema](#)
- [CNJ soltou 21 mil presos em 2023 e decisão do STF pode ampliar mutirões de desencarceramento](#)
- [Comércio Brasil-China faz primeira transação em moedas nacionais, sem o dólar](#)
- [Por que o governo é, sim, responsável pela resolução que pede banheiros neutros em escolas](#)
- [Quem é Robert Fico, o esquerdista que quer engrossar o coro pró-Rússia dentro da OTAN](#)

COMO RECEBER

As edições da Gazeta do Povo Revista vão estar disponíveis para download em PDF pelos nossos assinantes todos os sábados pela manhã no site do jornal. Também é possível se inscrever, para ser lembrado de baixar o arquivo, pelo [Whatsapp](#) ou pelo [Telegram](#). Se preferir receber por e-mail, você pode se inscrever na [newsletter](#) exclusiva para receber o link de download.

EXPEDIENTE

A Gazeta do Povo Revista é uma seleção de conteúdos publicados ao longo da semana no nosso site. Curadoria e formatação: Carlos Coelho, Glaydson Donadia e Marcela Mendes. Estagiária: Maria Eduarda Souza Mendes. Conceito visual: Claudio Cristiano Gonçalves Alves. Coordenação: Patrícia Künzel.

APLICATIVO

Caso seu acesso seja via aplicativo iOS, só é possível visualizar o pdf. Para fazer o download, recomendamos o uso do navegador de internet de seu celular.



Voltar ao índice